

Não conseguiria falar de *Os Homens que Eu Tive* sem incorrer numa espécie de discriminação sexual, patente, apesar de bem-intencionada, ao considerá-lo um filme feito por uma mulher. Acredito e interpreto como feminina uma forma de praticar a cinematografia que, em vários aspectos, é distinta da forma que a maioria dos cineastas manifesta. A grande maioria de cineastas em toda a parte, bem como da população artística, é constituída por homens, muitas vezes impregnando o nosso consumo de cinema, e de arte, com um ponto de vista decididamente masculino no escolher e tratar assuntos, formas, espetáculo e política. Certamente como tudo isso coincide com o trem dominante na vida social, é fácil ver que nem nos damos conta de como ficam deste modo marcadas as cartas.

Objetivamente, pela escassez de um cinema, para efeito da análise, digamos, feminino, sem que isto levante obstáculos mas sim esclareça certas circunstâncias, o fato é que identificamo-nos, ou melhor, assumimos menor identificação com as formas deste cinema. Para que se perceba o meu intuito ao abordar tão delicadamente a questão, faça-o, porque não o fazem as instâncias superiores que pesam sobre a vida cultural do país, evidentemente não só fortemente masculinos, como exageradamente machistas. Qualquer dúvida pode ser rapidamente esclarecida, de imediato, já com o tratamento que impuseram ao filme de Teresa Trautman.

Sem a menor possibilidade de justificativa racional, o filme foi perseguido não só pela censura oficial, depois de acordada por pressurosos super censores anônimos, porque aos olhos normalmente cegos da primeira instância nada havia, como de fato não há, no filme que pudesse aguçá-los o apetite. Nenhuma violência, nenhuma exibição de corpos, enfim nada que apareça. Pelo contrário, algo que me surpreende e me obriga a uma releitura, é justamente o extraordinário clima de paz e carinho em que o filme transcorre apesar de todas e muitas vezes abalar convenções sociais que a vida há muito ultrapassou mas que a moral pública, ou o animal que atende por este nome, insiste em desnecessariamente camuflar.

Sabe-se que um dos filmes de maior sucesso comercial e de gosto em época difícil para o cinema brasileiro como foi o *Todas as Mulheres do Mundo*, de Domingos Oliveira, em 1966, francamente ostentava no título o sonho primeiro de muitos adolescentes, enquanto no bojo apaziguava esta intenção com um drama doméstico no melhor, e portanto mais leve, estilo das comédias de equívoco, base eterna de um sucesso que a ninguém chocou.

O SOL VISTO DA LUA



OS HOMENS QUE EU TIVE

Direção, roteiro e montagem

Teresa Trautman

Fotografia

Alberto Salvá

Música

O Bando

Elenco

Darlene Glória

Arduino Colasanti

Milton Morais

Itala Nandi

Annik Malvil

Roberto Bonfim

Gabriel Archanjo

35 mm, cor

1973

O filme de Teresa Trautman embora sem, em nenhum momento, investir polemicamente na questão, não deixa de parecer-me o reverso desta medalha, em mais de um sentido. Já pelo próprio título que, por sugestões superiores poderia ser trocado, e aí talvez adocasse a questão, o filme propõe apenas o mesmo que *Todas as Mulheres do Mundo* só que ao invés primeiro de apelar ao conformismo machista dominante na sociedade brasileira, perigosamente para nós, os machos, responde com maior vigor; não só fala-se de homens, no plural, como reveste-os não da fantasia da aspiração adolescente e sim da concreção realista de serem tais homens os que eu, perdão, os que a protagonista efetivamente teve. Enquanto o primeiro acena com um sonho e depois o desmente, o de Teresa, sem alardes, procura o que de fato é a fonte do cinema e da arte, a reflexão sobre experiências de vida que podem significar alguma reflexão também para os que não as viveram. Trata-se de um impulso dos mais legítimos da arte, o de comunicar a busca do homem pela felicidade, que nem sempre é apenas a calça velha.

Realizado em 1973, é um absurdo que tenha sido retirado de exibição, depois de liberado pela censura rotineira, somando-se aos demais absurdos perpetrados na época, até pelo mesmo personagem, sem que disto ninguém se tenha dado conta ou se mexido. Deste jeito, lá ficou apesar das tentativas em todos os níveis feitas pela autora para a sua reposição normal nos cinemas. O público, este permanente cego e surdo, não chegou a saber de muito do que ocorria, inclusive porque a fantástica imprensa da época, e de sempre, estava ocupada em ampliar para o campo da cultura a censura que efetivamente sofreu no campo político. A verdade é que retirado de cartaz permaneceu, e até hoje, sem prosseguir a sua carreira que se bem que talvez, mercê do preconceito, não atingisse os cumes de seus parceiros homens, certamente teria marcado uma corajosa intervenção pessoal além de um brilhante sucesso comercial.

Ainda não é de todo tarde a este respeito. O dia em que for exibido, tenho como certo que não terá perdido um milímetro de seu interesse e importância pois, curiosamente, talvez nisto esteja uma das distinções da forma cinematográfica feminina, o seu todo não é absolutamente datado, nada tem de circunstancial, permanecendo atualíssimo como se tivesse sido feito ontem.

Os filmes feitos por homens e para isso temos um vasto repertório, ao contrário das mulheres cujos filmes contamos nos dedos, justamente por isso partilham mais formas um tanto convencionais de

dizer as coisas, quando não são convencionais as próprias coisas que dizem. Tendem a criar personagens fortes e dominadores que ao menor pretexto sacam das pistolas e se matam. Guardariam uma tendência à tragédia, forma artística que funciona como um vestíbulo do poder, onde o menor vacilo pode significar a derrocada. Quem vive, sabe que ao contrário da arte muitas vezes, nós, os personagens vivos, temos que engolir inolvidáveis sapos sem maiores perdas, vale dizer, sem tragédias; geralmente em matéria de perdas, bastam as inevitáveis, as que nos são impostas. Por tudo isso, a impressão que causa o filme de Teresa aos meus olhos, inicialmente, é que na tela há menos simulação e empostação de vida que no cinema em geral, em que a representação assume muitas vezes proporções fantásticas, tão mais fantásticas quanto mentirosas.

Lidar diretamente com os acontecimentos, opor menos resistência à realidade individual, coisas que todos fazemos mas que dissimulamos no relato nobre e intransigente dos filmes de macho. O filme se passa com uma grande placidez doméstica em que, por exemplo, a suposta infidelidade conjugal gera certamente sabores e rupturas mas em nenhum momento tiradas bombásticas e falsamente gratificadoras de egos aparvalhados. O que dizer dos sentimentos que nos possuem, rejeitá-los, recalá-los, ou tentar vivê-los? A nossa personagem de *Os Homens que Eu Tive* resolve sempre vivê-los, com tudo o que representam; não penso que presida o filme uma tentativa idílica de relações sem compromisso e sem dor, mas que a dor e o compromisso não matam o impulso que, diabos, cada um sabe melhor interpretar o seu do que o troncho código de valores que insistem em pespegar no berçário das crianças. Viver ainda é a melhor diversão para quem não recua e recusa obstinadamente presa do medo, da neurose e da angústia antecipados pela promessa de felicidade.

Tampouco conseguirei evitar um paralelo, coisa que não é muito do meu feitio, com o muito conhecido *Le Bonheur/As Duas Faces da Felicidade*, de Agnès Varda, a célebre cineasta que conseguiu casar com o Jacques Demy. Ainda impregnada por uma aura machista, o fil-

me de Varda faz como todo filme bom mocista a mesma falsa oposição entre prazer e verdade, como se não andassem juntas e se excluíssem estas duas sedes do ser humano. Vendo-o, diremos que se parece mais com o que chamamos de realidade, a objetiva. Causa-nos um certo aborrecimento de ver semelhante impulso ser tolhido na necessidade besta de agradar platéias; o belo vira melodrama. Vendo o filme de Teresa não consegui evitar a lembrança do da outra, só que uma lembrança feliz de estar vendo o dela, e não o da francesa.

Em outro nível, talvez o da forma propriamente dita, acredito em maiores proximidades que criei esta espécie de estilo feminino que inludivelmente acontece com os filmes, por assim dizer, de mulheres. Também em outras ocasiões sempre que tenho visto os bons filmes femininos brasileiros, e certa feita já aludi a isto em um artigo, fico com a sensação de uma certa diversidade no caráter imperioso que então passo a ver nos filmes dos homens, enquanto nos de mulher a impressão que me fica é de que não se impõem à aceitação de ninguém por meio de subterfúgios dramáticos notórios ou esforços de sedução de massa das platéias, mas investem decididamente na expressão e no tratamento de seus recursos como a de uma voz que expõe outras possibilidades do mesmo viver a vida. Uma mudança de ótica, ou uma mudança de olhos, que refletem nos nossos não a dominação mas a convivência.

É claro que ao ver a mulher mudar de homem como muda de camisa, os brios de qualquer platéia masculina, os meus, inclusive, se assanham. A simples maneira minha de descrever o fato já induz o leitor ao mesmo protesto que do fundo de mim mesmo o coração acusa, mas não é o que fazemos todos? uns mais, outros menos? Muitas vezes não sentimos um prazer inconfessado de botar tudo a perder por um rabo de saia? Não fosse isso, não haveria assunto para as crônicas da arte e do cinema, todos transidos em que a mocinha encontra-se finalmente com o mocinho que nós, os espectadores, lhe destinamos, nós, com a pretensão de que estamos fazendo a estória que apenas assistimos. No filme da Teresa, iniciada a progressão do personagem pela vida, o que queremos é impedir que se consuma o inevitável, e o encontro final que efetivamente e, por um lado nosso, felizmente acontece, entre o mocinho e a mocinha surpreende exatamente como na demonstração de um teorema esquecido.

Gostaria de frisar a tempo que não considero *Os Homens que Eu Tive*, e nisto a sua felicidade, um drama realista.

Não sei se os personagens acontecem assim na vida real, a mim mais me parece uma história de amor talvez idealizada e idealizante mais que a descrição do comportamento de alguém. No impacto inicial de um drama convencional como pensamos que é o que iremos assistir com a primeira "traição", cujo caráter é imediatamente desarmado pela própria personagem, ao superar-se o trauma pela vida é que descobrimos esta outra possibilidade na narrativa. Ela não irá se ocupar em nos dar satisfações pela quebra do convencionalismo, pelo contrário, irá crescentemente atravessando o complicar das coisas e das situações por uma luminosa inspiração que sempre nos faz concordar e aceitar no filme o que certamente não aceitaríamos no cotidiano. O filme arma-nos uma certa armadilha de amor, e termina como começou, continuando a cena interrompida com que se abriu, um pouco como se Penélope afinal concluísse sua teia; se é que vocês me entendem.

Também não poderia deixar escapar um comentário sobre a vida que dá ao personagem a interpretação da grande atriz e mulher que é Darlene Glória, a quem talvez no seu momento atual de recolhimento espiritual o filme pudesse chocar, bem como o seu sempre notável desempenho em vários outros filmes. Realmente deve ser algo estranho revernos, alguém que já deixamos de ser, tão vivamente agindo e sendo com uma identidade que parece-me maior do que a normalmente vivida por uma atriz, digamos, clássica. Talvez que em pleno mister da representação, resguarde-se o ator do personagem. No cinema, em particular, sabemos que a mescla é mais intensa, e sobretudo o resultado pode levar-nos a nos confundir, principalmente para a preguiça do espectador, este *voyeur* atônito na sala escura; mas a entrega que interpretamos no desempenho de Darlene, e que nos faz o personagem notável, neste e em outros filmes, somente é denunciadora de uma enorme integridade humana, intensamente dedicada a reviver sentimentos que ali estão, sob a aparência de sua pessoa, mas que pertencem ao espírito de todos nós, na medida em que os reconhecemos, exemplares de toda a humanidade.

A permanência intocada do passado neste retrato da vida que é o cinema, deve servir-nos mais a compreender o quanto fomos e vivemos, sem prejuízo do que hoje somos e do que ainda nos resta por viver e acontecer.

Sérgio Santeiro